I ANNO JUNHO DE 1882 N.º 6

A ARTE PORTUGUEZA

REVISTA MENSAL DE BELLAS-ARTES

PUBLICADA PELO

CENTRO ARTISTICO PORTUENSE

CONSELHO DE REDACÇÃO

PARTE ARTISTICA — **Thomaz Augusto Soller**, architecto; **Antonio Soares dos Reis**, esculptor; **João Marques da Silva Oliveira** e **Antonio José da Costa**, pintores

PARTE LITTERARIA — **Joaquim de Vasconcellos** e **Manoel Maria Rodrigues**

PORTO

TYPOGRAPHIA OCCIDENTAL

66 — RUA DA FABRICA — 66

1882

ESTHETICA DO CORPO HUMANO

Das mensurações feitas nos quarenta homens, cujas estaturas variavam desde 1^{m},54 até 1^{m},86, Sappey tirou as seguintes medias: estatura, 1,692; tronco, 0^{m},833; membros inferiores, 0^{m},859; membros superiores, 0,750; cabeça, 0^{m},221; rosto, 0^{m},187.

Nos quarenta individuos encontrou vinte e cinco nos quaes os membros inferiores eram mais compridos que o tronco, em oito o tronco avantajava-se aos ditos membros, e nos sete restantes havia egualdade. Comparando o comprimento medio do tronco d'estes individuos com o comprimento medio dos membros abdominaes, achamos uma differença de 26 millimetros a favor dos membros inferiores. Se dividirmos ao meio essa differença, virá o centro do corpo a cair 13 millimetros abaixo da symphise pubica, exactamente na raiz do penis.

Vê-se pois que os estatuarios dos seculos de Pericles e de Augusto não andavam muito longe da verdade quando referiam o centro do corpo ao ponto do cruzamento das diagonaes do quadrado em que elle se achava inscripto. Vamos agora vêr qual a razão que os levaria a situarem esse centro ainda mais abaixo.

Dividindo os individuos que foram objecto d'estas observações em duas series eguaes, incluindo na primeira aquelles cujas estaturas estavam comprehendidas entre 1^{m},54 e 1^{m},68, e na segunda os que mediam entre 1^{m},69 e 1^{m},86, Sappey achou nos primeiros vinte as seguintes medias: estatura 1^{m},63, tronco 0^{m},808, membros inferiores 0^{m},825 e nos vinte ultimos: estatura 1^{m},74, tronco 0^{m},851, membros inferiores 0^{m},892.

Nos primeiros os membros inferiores excedem apenas em 17 millimetros o comprimento do tronco, ao passo que nos ultimos, cuja estatura media attinge 1^{m},74, os membros inferiores são mais compridos 41 millimetros que o tronco. Logo: quanto mais alta fôr a estatura tanto mais o centro do corpo tenderá a descer abaixo da symphise.

Ora; os pintores e estatuarios da antiguidade que representavam quasi sempre deuses e heroes aos quaes davam estatura collossal procediam logicamente situando-lhes o centro do corpo ao nivel dos orgãos genitaes. E' o que observamos no Apollo do Belvedere. Esta celebre estatua tem 2^{m},15 de altura, o comprimento do tronco é 1^{m},03 e o dos membros inferiores 1^{m},12; se tomarmos a metade da differença que existe entre o comprimento do tronco e o dos membros inferiores, differença que é egual a 9 centimetros, reconheceremos que o artista situou o centro do corpo 4 centimetros e meio abaixo da symphise dos pubis, immediatamente por cima dos testiculos e que portanto procedeu de accordo com o principio deduzido das leis da observação, que, quanto mais alta fôr a estatura, tanto mais o centro do corpo tenderá a descer abaixo da symphise. A estatua do Belvedere está pois n'este ponto conforme ás indicações da esthetica, e o artista grego teve a intuição da verdade, pois que o que á primeira vista pareceria exageração, não o é, e pelo contrario acha-se confirmado pelas observações modernamente feitas. Ha muitos individuos até, nos quaes, posto que anormalmente, o ponto central do corpo se encontra ainda mais inferiormente situado. Nos homens observados por Sappey havia dois em que elle estava situado 5 centimetros e meio abaixo da symphise, e um em que esse centro estava 6 centimetros e meio inferior á mesma symphise.

O Apollo do Belvedere, ideal da belleza physica, a cujas justas proporções teremos de alludir mais vezes, e por de mais conhecido de todos os pintores e esculptores, acha-se no Vaticano e foi achado em 1503 n'umas excavações feitas em Anzio, 10 leguas ao sul de Roma. E' a mais perfeita obra da estatuaria antiga; Winckelmann descreve-a n'estes termos: «A estatura do deus é superior á humana, e a sua postura respira magestade. Uma primavera eterna, como a que reina nos ditosos Campos Elyseos reveste de amavel mocidade as fórmas varonis do corpo, e brilha com suavidade na soberba estructura dos seus membros... Já perseguiu a serpente Python, contra a qual pela primeira vez disparou o seu terrivel arco; na veloz carreira alcançou-a e deu-lhe o tiro mortal. Do alto do seu jubilo, o augusto olhar do deus penetrando no infinito, alonga-se muito além da victoria. O desdem paira-lhe nos labios, a indignação entumesce-lhe as azas do nariz; ao mesmo tempo que um socego inalteravel se lhe estampa na fronte, e o olhar se lhe impregna de suavidade como se elle estivesse no meio das Musas ciosas de lhe prodigalisarem os seus carinhos.»

Na mulher o comprimento do tronco e o dos membros inferiores fazem muito pouca differença, por isso n'ella o centro do corpo corresponde á symphise pubica com pequenissimas oscillações para a parte superior ou para a inferior. Isto entende-se na generalidade, porque ha casos individuaes, em mulheres aliás bem conformadas, que discordam dos principios fornecidos pela observação. Nas trinta mulheres que Sappey submetteu á mensuração havia uma cujo ponto central do corpo estava situado 5 centimetros acima da symphise e havia uma outra em que estava 4 centimetros e meio abaixo. Como já dissemos isto são excepções que de modo nenhum invalidam a regra geral.

N'aquellas trinta mulheres, cujas estaturas variavam de 1^{m},45 a 1^{m},71, a mensuração deu as seguintes medias para as dimensões das principaes partes do corpo: estatura 1,^{m}589, tronco 0^{m},795, membros inferiores 0^{m},793, membros superiores 0^{m},686, cabeça 0^{m},211, rosto 0^{m},177.

Examinando estes numeros, vemos que na mulher a differença de comprimento entre os membros inferiores e o tronco é apenas de 2 millimetros, termo medio, ao passo que no homem essa differença, segundo a tabella que apresentámos, attinge 26 millimetros. Além d'isso o numero das mulheres em que as dimensões do tronco excediam as dos membros inferiores e vice-versa é quasi egual. Das trinta mulheres quinze tinham os membros inferiores mais compridos que o tronco, quatorze estavam no caso inverso, e uma estava em perfeita egualdade de ambas as dimensões. Comparando estes dados com os fornecidos pelo homem em identicas circumstancias, vêmos que n'elle a predominancia geral das dimensões dos membros abdominaes tende a fazer descer o ponto central do corpo, cuja posição cáe, termo medio, 13 millime-

tros abaixo dos pubis, ao passo que na mulher todas as circumstancias tendem a fazer coincidir esse ponto com a symphise, da qual muito pouco se affasta.

Para conhecer qual a influencia que a estatura poderia exercer n'essas fraquissimas oscillações, Sappey dividiu tambem as mulheres em duas secções e obteve nas primeiras quinze as seguintes medias: estatura 1^m,54, tronco 0^m,781, membros inferiores 0^m,765, e nas outras quinze: estatura 1^m,63, tronco 0^m,810, membros inferiores 0^m,822. No primeiro caso o tronco excedia os membros em 16 millimetros, no segundo os membros excediam o tronco em 12 millimetros. Tomando a metade a estes numeros achamos o centro do corpo situado ora 8 millimetros acima, ora 6 millimetros abaixo dos pubis.

Em conclusão: o ponto central do corpo no homem está sempre abaixo da symphise e tende a descer proporcionalmente á elevação de estatura; na mulher oscilla segundo a estatura; se a mulher é baixa o centro do corpo colloca-se a cima da symphise, se a mulher é alta o centro colloca-se abaixo. Em qualquer dos casos o desvio é pouco consideravel, e não excede 1 centimetro.

(Continúa). PAIVA E PONA.

UMA BORDADORA PORTUGUEZA DO SEC. XVIII

(1753-1837)

E' innegavel que em todos os tempos houve em Portugal artistas dignos de renome; e se não chegou até nós a memoria de muitos d'elles, é porque a sua modestia, e sobretudo a indifferença que lhes votaram seus contemporaneos os condemnou a total, ou quasi total esquecimento; e d'aqui proveio a perda da maior parte de seus trabalhos, desconhecidos por quem devia prezal-os, estragados pela incuria, ou comprados por pessoa de fóra que melhor os apreciou para irem enriquecer as galerias e museus estrangeiros.

A seguinte noticia serve de prova ao que acabamos de dizer. Trata-se da existencia no principio d'este seculo de uma eximia bordadora que vivia em Belem esquecida; e isto, sem embargo da larga menção que fez d'ella a folha official do reino, indicio já de si bastante do seu subido merecimento. A *Gazeta de Lisboa* (de 23 de janeiro de 1819) dedicou-lhe mais de um quarto do seu conteudo, favor singular, se considerarmos as modestas dimensões da *Gazeta*, muito pequenas, comparadas com as das gazetas de hoje. Devemos pois concluir que o periodico da capital não publicaria decerto tamanho artigo em louvor de qualquer particular, sem que para isso houvesse ponderosas razões.

Agora que felizmente acordamos com a nobre idéa de mostrar ao mundo que não fomos tão alheios ás artes, como nos tem querido julgar, convém que, conforme as nossas forças, tratemos de divulgar as noticias sobre artistas que soubermos, ou as noticias de obras que d'elles conhecermos; pois por pequena que seja qualquer noticia, póde, ligada a outras, servir-nos de grande auxilio para ulteriores investigações.

E' o que vamos fazer, divulgando o pouco que sabemos com relação á nossa celebre bordadora Maria Thereza da Conceição Borges, (que esse era o seu nome), principiando por transcrever do alludido artigo da *Gazeta de Lisboa*, a parte que mais directamente respeita á sua interessante vida.

«*Maria Thereza da Conceição Borges*, moradora no bairro de *Belem*, rua do *Miradouro* n.º 5 (no cimo da calçada da Boa-Hora) de idade de 66 annos e 9 mezes, acaba de bordar primorosamente a ponto de agulha em retroz (e o que é mais sem ter adquirido primeiro o conhecimento das regras do desenho) a grande estampa da *Cêa do Senhor* que o eximio *Morghen* gravou copiada do famoso quadro de *Leonardo de Vinci*. A grande difficuldade de retratar e pintar exactamente com agulha tantas e tão variadas figuras, o seu bem proporcionado desenho, o mimo das côres, o claro escuro e a luz no seu competente lugar, a bella imitação de diversas madeiras, que figuram estar o painel em sua moldura, tudo emfim constitue esta peça uma obra prima de bordadura; e com razão varios artistas que a tem ido vêr, assim como os retratos de SS. MM. bordados pela mesma authora, lhe tem tributado os mais justos e merecidos applausos, como um monumento que rivalisa com os mais mimosos apuros do pincel. Este quadro se póde vêr em casa da sua authora, a qual por elle fica desde já com toda a razão collocada entre as matronas *Portuguezas* que por sua rara habilidade mais se tem distinguido; ella se dispõe a emprehender novo trabalho d'este genero, que muito seria de estimar podesse ensinar a quem nos conservasse em igual perfeição uma prenda de tanto merecimento em uma senhora, e que talvez ainda não tenha tocado a meta do primor a que ella a tem elevado no sobredito quadro; do que com gosto fazemos menção para evitar se perca no esquecimento e na obscuridade um talento no seu genero tão digno de ser conhecido, apezar da modestia religiosa que muito folgámos de encontrar na sua expressão e maneiras.»

Ainda em duas gazetas depois d'esta apparece o nome da nossa bordadora. Na de 4 de fevereiro diz: «*Maria Thereza da Conceição Borges* agradece do modo que lhe é possivel ás pessoas nacionaes e estrangeiras a honrosa approvação que se tem dignado dar ás suas obras de bordadura, etc.» Na Gazeta de 15 do mesmo mez diz: que «por motivo das suas molestias, e por ter precisão de occupar-se na continuação do trabalho de suas obras, unico recurso da sua sustentação, avisa que o quadro da Cêa do Senhor que ella bordou não póde continuar a ser publico.» Havia pois romaria para o quadro, romaria muito honrosa para o objecto, mas que roubava muito tempo á bordadora.

Finalmente, se ajuizarmos pela fama que então adquiriu, Maria Thereza foi sem duvida uma celebridade na arte de bordar, e pena é que o não possamos hoje provar por alguma de suas obras capitaes. Presentemente só conhecemos um unico trabalho seu: é uma imagem de N. S. da Conceição que possuimos, trabalho feito na avançada edade de *oitenta annos*, mas, que ainda assim, mostra quaes seriam os recursos de que dispunha na quadra vigorosa da sua exis-

tencia. [1] Eis a descripção d'esse especimen: Sobre um rectangulo de setim branco, occupa o bordado um espaço de 284 milimetros de alto por 204 de largo; vê-se n'elle a Virgem esmagando a serpente, que está enrolada em uma meia lua, sobreposta ao globo terrestre. Aos lados da Senhora ha quatro serafins alados, sobre nuvens; e sobre a cabeça paira o symbolo do Espirito Santo, radiante, e na margem inferior do bordado a seguinte inscripção: *N. S. da Conceição. — Retratada por Maria Thereza da Conceição Borges, idade de* 80 *annos.* — 1832. — Foi esse talvez o seu ultimo trabalho, o qual fez de proposito e offereceu ao snr. Manoel Vicente d'Almeida, pai do signatario.

Recordamo-nos de ouvir mencionar alguns trabalhos d'esta celebre artista, mas não nos lembra o assumpto d'elles; occorre-nos apenas ter visto um S. Raymundo, que ella offereceu ao pagador da casa real Raymundo Norberto da Costa. O celebre quadro da Cêa, consta-nos que o dera a seu confessor, um frade Agostinho descalço, do convento da Boa-Hora, em Belem, e parece que, por morte d'este, fôra vendido para o Brazil. Valha a verdade.

Procurando colher as noticias mais necessarias para a biographia d'esta senhora, obtivemos a certidão de seu obito, cujo extracto é o seguinte: «Aos 7 de janeiro de mil oitocentos trinta e sete, falleceu com o Sacramento da Extrema Unção, pela molestia não dar lugar a mais, Maria Thereza Borges, viuva, ignora-se de quem, moradora na rua de S. Anna. Foi sepultada pelo amor de Deus no Cemiterio Novo d'esta freguesia», etc. Eis o pouco que nos dá este documento. Onde nasceu, o nome de seus pais, marido, etc., não foi possivel até hoje averigual-o. Sabe-se que quando expôz o quadro da Cêa, (1819) era *o trabalho de suas obras*, *unico recurso da sua sustentação* (Gazeta, 4 de fevereiro). Porém n'este anno, ou no seguinte offereceu ella a D. João VI os retratos d'este, e da rainha D. Carlota Joaquina, que me consta serem de uma similhança extrema, sendo por isso agraciada com uma pensão pelo *real bolsinho*, (12$000?) a qual venceu até á vinda do imperador D. Pedro IV, perdendo-a então por falta de procurador que a sollicitasse. Nos poucos annos que depois correram até sua morte varias vezes fomos a sua casa levar-lhe pequenos soccorros de alguem; e apesar da nossa pouca idade, ficou-nos no espirito a impressão do doloroso estado d'aquella estimavel senhora, vivendo só, decrepita, doente e cheia de privações, provando-se mais uma vez quão avara é, em geral, a fortuna para com o talento. Finalmente, esta infeliz senhora acabou amparada pela caridade de alguns visinhos, em uma pequena casa na rua de S. Anna n.º 5, onde foi encontrada quasi morta; e, apenas ungida, ahi falleceu no dia 7 de janeiro de 1837, contando 84 annos e 9 mezes de idade.

Ajuda, 16 de abril.

RODRIGO V. D'ALMEIDA.

---

[1] Este trabalho tem estado na Exposição das *Industrias caseiras* promovida pela Sociedade de Instrucção do Porto no Palacio de Crystal (galeria superior do lado direito) e é, na verdade, notabilissimo para uma matrona de 80 annos, revelando ainda a mão de mestre.

J. DE V.

DA PINTURA ANTIGUA

POR

FRANCISCO DE HOLLANDA

(Continuação, v. pag. 44)

SEGUNDA PARTE

Parecia que Micael assi fezesse fim, quando a senhora marqueza, oulhando pera mi, dixe:

— Vós não atentaes, M. Francisco, como M. Micael deixou de fallar em Roma, mãe da pintura, por não dizer das suas obras? Ora pois o que elle não quiz por fazer o seu officio, não deixemos nós de fazer o nosso para o mais enlearmos, que quando se em Pintura famosa hade tratar, não tem valia nenhuma outra senão a fonte d'onde ellas se derivão e procedem. Esta é na cabeça e fonte da Igreja, digo em S. Pedro de Roma, uma abobeda grande, a fresco, com seu circuito e voltas de arcos, e uma façada, onde M. Angello divinamente comprendeu como Deus primeiramente criou o mundo, repartido por historias, com muitas imagens de Sybilas e figuras de artificiosissimo ornamento e arte. E o que é singular que, não fazendo mais que esta obra, que inda agora não tem acabada, começando-a sendo mancebo, é que ali se comprende trabalho de vinte juntos pintores, n'aquella só abobeda. Rafael de Orbino pintou n'esta cidade a segunda obra, de tal arte, que não havendo a primeira, fôra-o ella, que é uma salla e duas camaras, e uma varanda, a fresco, nos paços do mesmo S. Pedro, cousa manifica e de muitas historias elegantes, como descrição mui decora; e é singular historia a de Apollo, tangendo a sua harpa entre as nove musas, no Parnaso. Nas casas de Augustimguis (Chigi) pintou Rafael de poesia preciosamente a Historia de Psique e muito gentilmente cercou Galatea de homens marinhos no meo das ondas e de Amores polo ar. O quadro de S. Pedro Montorio da transfiguração do Senhor, a olio, é muito bom, e outro em Aracelli, e na Paz, a fresco. Da mão de Bastião Venezeano a Pintura de S. Pedro Montorio tem fama, o qual fez por competir com Rafael. De Baltesar de Senna, arquitector, muitas façadas de paços ha n'esta cidade, de branco e preto, [1] e de Marturino e de Polidoro, homem que n'aquella maneira de fazer, manificamente ennobreceu Roma. Ha ahi mais aqui muitos paços de cardeaes e d'outros homens, pintados de grutesco e de stuque e d'outras muitas deferenças de arte, que a cidade é mais pintada que outra alguma do mundo todo, afóra os quadros particulares que cada um tem mais caros que a vida. Mas de cousas fóra da cidade a *vinha* que começou o Papa Clemente Setimo ao pé de Monte Mario é mais para vêr de galante pintura e scultura de Rafael e Julio, ornada, onde jaz o gigante dormindo, de que os sa-

---

[1] Provavelmente a *sgrafito*.

(NOTA DO EDITOR).

tyros stão medindo os pés com os cajados. Ora vêde se são isto obras para callar da nossa cidade.

E callava-se ella já, quando me lembrou, e dixe:

— E' certo que tambem esqueceu a V. Exc.ª a sepultura ou capella notavel de Florença dos Medices em S. Lourenço, pintada em marmor por M. Angello, com tanta magnanimidade de statuas de todo relevo que bem póde competir com qualquer obra grande das antiguas; onde a deosa ou imagem da Noite, dormindo sobre uma ave nocturna, me mais contentou, e a Manencolia d'um vivo-morto, posto que estão ali mui nobres sculturas ao redor da Aurora. Mas não é de callar uma obra que vi da pintura, inda que seja fóra de Italia; em França ou Provença, na cidade de Avinhão, n'um mosteiro de S. Francisco, que é uma mulher morta Pintada, que já fôra mui fremosa e chamada a bella Anna; e um rei de França, que gostava de pintar e pintava (se me não engano) chamado Reynel, vindo a Avinhão e perguntando se estava ali a bella Anna, porque desejava muito de a vêr para a tirar pollo natural, e dizendo-lhe que não muito havia que era morta, fel-a el-rei desenterrar da cova para vêr se inda nos ossos achava algum emdicio de sua fremosura. Então a achou ainda ao modo antigo, vestida como se fosse viva e os cabellos louros na cabeça ataviados, mas toda em caveira mudada a alegre fremosura do vulto, que só descuberto tinha, e todavia assi a julgou o pintor rei por tão fremosa, que a tirou inda polo natural, com muitos versos ao redor, que a choravão e inda estão chorando. A qual obra eu vi n'aquelle lugar e me pareceu muito dina d'este.

— Folgarão todos com a minha pintura, e ajuntou M. Angello que em Narbona tambem teria visto o quadro de Sebastião na Sé, e assi dixe:

— Tambem em França ha alguma pintura boa e tem el-rey dos francezes muitos paços e casas de prazer com inumerabel pintura, assim como em Fontenebleo, onde el-rey teve juntos duzentos pintores bem pagos, por espaço de tempo; como em Madril, a casa que fez de prazer, em que se livremente prende ás vezes, pola memoria de Madril de Spanha, onde steve preso.

— Parece-me, dixe M. Lactancio, que sinti a Francisco d'Ollanda numerar entre as obras da pintura ha pouco a sepultura que senhor Micael esculpistes em marmor; e não sei como isto póde ser, que a scultura nomeeis por pintura.

Comecei-me eu a rir então muito, e pedindo licença ao mestre, dixe:

— Por escusar o trabalho ao senhor Micael quero responder ao senhor Lactancio, n'esta sua duvida, que até de minha patria me vem seguindo aqui:

— Como todos os officios que tem mais arte e razão e graça achareis que são os que mais se chegão ao debuxo da pintura, assi mesmo os que se mais ajuntam com elle procedem d'elle e são parte ou membro seu, tal como a scultura ou statuaria, a qual não é outra cousa senão a mesma pintura, bem que pareça a alguns que officio seja por si arredado; todavia é condenado a servir a pintura, sua senhora. E esta quero dar por sufeciente prova (como melhor saberão V. S.as) que nos livros achamos Phidias e Praxitelles nomeados por pintores, sabendo certo que erão scultores de marmor, e vendo as mesmas statuas da sua mão na pedra, que aqui estão perto de nós, sobre este monte, os cavallos que elles fezerão, que el-rey Teridade mandou a Nero em presente, dos quaes modernamente se aqui chama Monte Cavallo. E se esta não basta direi como Donatello (o qual, com licença do senhor Micael, foi um dos primeiros modernos que na scultura mereceo fama e nome em Italia) não dezia outra cousa a seus decipollos, quando os ensinava, senão que debuxassem, dizendo n'uma só palavra de doutrina: «Discipollos, vos quero entregar toda a arte da scultura, quando vos digo: *debuxai.*» E assi o affirma Pomponio Gaurico, scultor, no seu livro que escreveu *De Re statuaria*, mas para que quero eu ir buscar exemplos e provas mais longe, que por ventura não stão longe de mi? E por de mi não fallar, digo que o grande debuxador M. Angello, que aqui stá, sculpe tambem em marmor, que não é seu officio, e melhor inda (se dizer se póde) do que pinta com pincel na tavoa, e elle mesmo me tem dito algumas vezes que menos deficel acha a scultura das pedras que o fazer das colores, e que por muito mór cousa tem dar um risco mestrioso com a penna, que não já com o scopro. Inda que o debuxador famoso, se quizer, de si mesmo esculpirá e entalhará em o duro marmor, em bronzo e em prata statuas grandissimas de todo relevo (que grande cousa é) sem nunca ter tomado o ferro na mão; e isto pola grão virtude e força do debuxo ou desenho. Nem por isso o statuario saberá pintar nem tomar o pincel na mão, nem saberá pintar [e] dar um risco de valentissimo mestre, como ha poucos dias que conheci, indo vêr Baccio Blandino, scultor, o qual achei querendo pintar a olio, e não n'o fazendo. E o mesmo debuxador será mestre de edeficar os paços ou templos, e entalhará a sculptura, e a pintura pintará, que o mesmo senhor Micael; e Rafael, e Baltesar de Senna, pintores famosos, ensinaram a architettura e a sculptura, e Baltesar de Senna, studando brevemente n'aquella arte, se igoalou com Bramante, architetto eminentissimo, que toda sua vida tinha consumido na desceplina d'ella, e inda dezia que lhe fazia vantagem por lhe ter de mais a copia da invenção e galantaria, e despejo do desenho. Eu fallo de verdadeiros pintores.

— Mais digo, senhor Lactancio, (dixe Micael) ajudando M. Francisco: Que o pintor de que elle falla não sómente será instruido nas artes liberaes e outras sciencias como das architecturas e sculturas que são proprios officios seus, mas de todos os outros offlcios manuaes que se fazem por todo o mundo, querendo elle, fará com muita mais arte que os proprios mestres d'elles. Como quer que tanto me ponho ás vezes a cuidar e a imaginar que acho entre os homens não haver mais que uma só arte ou sciencia e esta ser o debuxar ou pintar, de que tudo o al são membros que procedem; porque certo bem stimado tudo o que se n'esta vida faz, achareis que cada um stá, sem o elle saber, pintando este mundo, assi no gerar e produzir cá novas formas e feguras, como no vestir e varios trajos, como no edeficar e acupar os spaços com pintados edificios e casas, como no cultivar os campos e lavrar em pinturas e riscos a terra, como em navegar os mares com as vellas, como em pellejar e repartir as hazes, e finalmente nos firmamentos e mortuorios, como em todas as mais nossas operações,

movimentos e actiões. Deixo já todos os officios e artes, de que a pintura é fonte principal, dos quaes uns são rios que nascem d'ella, como a scultura e arquitectura, alguns são ribeiros, como os officios macanicos e alguns são charcos que não correm (tal como algumas enuteis manhas como entretalhar de tisoura e outras taes) da agoa que já d'ella fez chea quando saiu da madre, no tempo antiguo, e alagou tudo debaxo de seu dominio e imperio, como se comprende nas obras dos romãos, todas feitas em arte de pintura. Assi em todos os seus pintados edificios e fabricas, como em todas obras de ouro, ou prata ou metaes, como em todos os seus vasos e ornamentos, e até na elegancia de sua moeda, e nos trajos e nas suas armas, nos seus triumfos e em todas as outras suas operações e obras mui facilmente se conhece, como no tempo em que elles senhoreavão toda a terra, era a senhora pintura universal regedora e mestra de todos os seus effeitos e officios e sciencias, estendendo se até no screver e compôr ou historiar. Assi que as obras humanas, quem as bem considerar e entender achará sem duvida serem ou a mesma pintura ou alguma parte da pintura; e inda que o pintor seja habil para inventar o que inda não é achado, e para fazer todos os officios dos outros com muito mais graça e galantarias que os propios donos d'ellas, nem por isso outrem alguem poderá ser pintor verdadeiro ou desenhador.

(Continúa).

VIEIRA PORTUENSE

E' da obra de Raczinski, abundante repositorio de esclarecimentos preciosos ácerca de muitos artistas portuguezes, o seguinte artigo biographico de Francisco Vieira, mais conhecido pelo cognome de Vieira Portuense:

Vieira começou a cultivar a pintura no Porto, sua terra natal, applicando-se á figura e á paizagem. N'este ultimo genero teve por mestre seu proprio pae, Domingos Francisco Vieira, droguista, tambem pintor paizagista, imitador de Pilement, que sahiu do Porto pelo anno de 1772. O seu mestre em figura foi João Glama. Como houvesse feito progressos, obteve da Companhia dos vinhos do Alto Douro, em 1789, uma pensão de 300$000 reis, com o auxilio da qual foi aperfeiçoar-se em Roma, onde escolheu para mestre Domingos Corvi, dezenhador correcto, mas colorista frio. Não podia então fazer melhor escolha em Roma. Em 1791, obteve um primeiro premio em roupas. Dirigiu-se depois a Parma, para estudar o colorido de Corregio, sendo ahi um dos directores da Academia; deu lições de desenho a uma das filhas do duque de Parma, e copiou a famosa *Magdalena*, de que mais tarde foi possuidor Luiz Pinto de Balsemão.

Em 1794 voltou a Roma de onde sahiu tres annos depois com Bartholomeu Callisto, que o acompanhou nas suas excursões á Allemanha, e do qual se separou em Dresde. Copiou ahi bom numero de quadros da celebre galeria d'aquella cidade, passando depois a Hamburgo e em seguida a Londres. N'esta capital ligou-se pelos laços da amizade com Bartolozzi, fez o retrato d'este artista e começou a gravar a agua forte uma chapa de grande trabalho e de grandes dimensões que não concluiu. Pintou o *Viriato*, de que Bartolozzi fez uma gravura offerecida por elle ao principe regente de Portugal, que mais tarde foi rei com o nome de D. João VI. Fez tambem um grande quadro de *Nossa Senhora da Piedade* e o *Descimento da cruz*, para a capella de D. João de Almeida, que foi mais tarde conde das Galveias e que era n'aquella epoca ministro de Portugal.

Casou-se alli com uma joven italiana que possuia um dote consideravel e que pertencia á familia do celebre gravador Bartolozzi, trazendo sua esposa a Lisboa em 1802, epoca da paz com a França. Essa paz deu lugar a uma grande ceremonia na igreja de S. Domingos, onde appareceu o grande quadro que lhe fôra encommendado por essa occasião e que representava a *Monarchia Portugueza* acompanhada das virtudes, artes, celebridades, etc.; o retrato do regente estava pendente do pescoço d'esta figura allegorica.

A convite da Companhia dos Vinhos do Alto Douro veio para o Porto como successor de Antonio Froes Jacomo na direcção da Academia e com o vencimento de 600$000. No entanto, como D. João de Almeida e o visconde de Anadia tivessem fallado do seu grande merito a S. A. R., foi nomeado por decreto de 28 de junho de 1802, primeiro pintor do rei, com o vencimento annual de 2:000$000 réis e com a obrigação de dirigir e executar conjunctamente com Domingos Antonio de Sequeira, seu collega, as pinturas projectadas para o palacio real da Ajuda. São conhecidos os bellos quadros que fez de *Ignez de Castro*.

Sendo accommettido de uma doença grave em quanto executava o quadro *Duarte Pacheco defendendo a passagem de Cambalam*, em Cochim, destinado á sala dos descobrimentos no palacio de Mafra, os medicos aconselharam-o a embarcar-se, transportando-se para a ilha da Madeira, onde morreu em 1805, na idade de 39 a 40 annos e quando começava a gozar os fructos dos seus penosos trabalhos. Encontra-se na collecção de Borba um *S. Sebastião* d'elle. Não podemos dizer se as obras que deixou nos agradam mais pela sua graça do que nos penalisam pela perda do seu author.

A sua viuva, que era rica, tornou a casar-se com um militar inglez e morreu em 1817.

A cidade do Porto tem produzido em todos os tempos bons artistas e amadores dos dous sexos.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, denominada a 10.ª musa, era filha do grande chanceller do reino e versada nas linguas antigas e modernas. Diz-se que não teve igual na Hespanha, na arte de escrever e de desenhar á penna. Compoz entre outras obras em verso e em prosa a *Hespanha Libertada* a que Lope de Vega se refere no seu Laurel de Apollo. Terminou a sua gloriosa carreira em Lisboa em 1 de outubro de 1645.

Jorge da Camara, filho do commendador Martim Gonçalves da Camara, abraçou o estudo ecclesiastico: era muito instruido e pintava e desenhava muito bem. Fez tambem algumas poesias que não publicou, ha-

vendo-o a morte surprehendido ao tempo em que as ía dar ao prélo em 1649.

Isabel Maria Rita, filha de Francisco Pequerin, inglez, baptisada na freguezia de S. Nicolau, pintava miniatura, como amadora, mas d'um modo muito distincto; floresceu no seculo XVIII.

Isabel Broune, filha de Duarte Pequerin, esposa do medico Pierre Broune, pintava bem retratos a oleo. Nascera em Inglaterra mas naturalisara-se no Porto. Viveu tambem no XVIII seculo.

Na mesma epoca, Luiza Maria Rosa exerceu publicamente a profissão de pintor, ignorando nós qual era o seu merito artistico.

Joaquim Raphael, discipulo dos dous Vieiras, executou muitos quadros para S. Chrispim, para a Lapa e para outras muitas igrejas e capellas. Occupava-se tambem de decorações para theatro.

Luiz Augusto Correia Leal foi discipulo de Francisco Vieira e de Theodoro de Sousa Maldonado, doutor em mathematica; desenhava á penna e pintava em miniatura. Floresceu no fim do seculo passado.

Domingos Teixeira, pintor decorador de theatro e machinista, era pae de José Teixeira Barreto. (*Cyrillo*, pag. 139-144).

Em uma pequena capella da congregação do oratorio das Necessidades, no andar mais alto da casa, acha-se uma *Descida da cruz* de Vieira, que é uma das melhores producções que conheço d'este estimavel artista. A composição recorda a maneira em que este assumpto tem sido mil vezes tratado, e não apresenta caracter distinctivo; no entretanto o desenho e a execução são de todo o ponto louvaveis. O colorido não se faz notar pelo vigor e pelo brilho, mas é harmonioso e não destituido de agrado. Esta producção denuncia cuidado, bons estudos e tendencias intelligentes. A figura da Virgem tem uma bella expressão, sendo de um effeito menos feliz o movimento dos braços. Todo o trabalho é de um estylo irreprehensivel, sem ser de um grande estylo, resentindo-se esta producção da influencia da epoca a que pertence. Este quadro, segundo o que me disse o duque de Palmella destinava-se a ornar a capella da legação portugueza em Londres.

Vieira foi contemporaneo e emulo de Sequeira. Estava longe de possuir tanto talento como este, mas em compensação era incapaz, como elle, de tantas irregularidades. Sequeira, na maior parte dos seus grandes quadros, fére o gosto, o que Vieira, nas suas modestas tendencias e na sua marcha reflectida nunca fez. Vieira era fiel ao estylo historico e religioso e inspirava-se nos exemplos dos italianos. Sequeira sentia na sua alma ardente inspirações novas, e não escolheu a direcção que melhor convinha ás suas emoções artisticas, senão depois de ter vagueado pelos caminhos mais oppostos, depois de um combate, diria quasi um tormento interior, que se dilatou n'elle durante 60 annos. E' digno de notar-se, que não tomou um grande vôo senão quando os seus sentimentos se tornavam religiosos e em uma idade muito avançada. Vieira nunca attingiu uma tão grande altura, e duvido mesmo que se a sua carreira tivesse sido mais longa, se houvesse elevado mais; as suas tendencias, porém, foram sempre igualmente louvaveis e os resultados sempre satisfatorios.

Vieira Portuense tambem póde ser pouco comparado a Vieira Luzitano. Eram duas naturezas artisticas muito differentes: o Luzitano seguia uma direcção mais determinada e mais classica, sem comtudo attingir aos grandes modelos da epocha dos Medicis; o Portuense cuja natureza artistica era falta de energia, e cujas disposições eram modestas, tendia para os bons modelos, mas sujeitava-se ao mesmo tempo á influencia da epocha moderna, ensaiava-se em muitos generos e fazia participar todas as suas obras da doçura, da amabilidade, da melancolia que pareciam ter formado o fundo do seu caracter.

O duque de Palmella possue d'elle uma excellente copia do S. Jeronymo de Corregio que se vê na galeria de Parma e que fez n'aquella cidade.

No Porto existem além de outros, varios quadros d'este pintor na igreja dos Terceiros de S. Francisco e no muzeu Allen.

DESENHOS

CAPELLA FUNERARIA

Projecto e desenho de Thomaz Soller

A capella funeraria, cujo projecto publicamos, destina-se a um jazigo de familia, para o cemiterio de Guimarães.

O seu author, o snr. Thomaz Soller, adoptou n'ella o estylo gothico florido, como o que pelo seu caracter religioso e pela sua elegancia de linhas e de ornamentação, mais preferido é entre nós n'essas construcções mortuarias, derradeira manifestação de respeito e saudade prestada pelos vivos ás cinzas dos que teem concluido a sua peregrinação por este mundo de trabalhos e de amargas desillusões.

Os nossos cemiterios estão cheios d'essas construcções em que nem sempre se observam os caracteres rigorosos do estylo, porque muitas vezes, a phantasia insciente dos canteiros transtorna com fórmas e lavores exoticos a pureza da feição que n'ellas predomina.

O projecto do architecto o snr. Thomaz Soller é um modelo apreciavel e digno de observação em todas as suas minudencias.

MANOEL M. RODRIGUES.

UM MENINO DORMINDO

Esculptura em barro de João José Braga, desenho de Aguiar dos Santos

No Muzeu Municipal do Porto, existem dous trabalhos do reputado esculptor portuense João José Braga, fallecido do cholera morbus, n'esta cidade, em 1833. São elles dous meninos, em attitudes diversas, um dos quaes, o melhor, reproduzimos no presente numero.

João José Braga assignalou-se principalmente como modelador e as producções em que mais fez sobresahir o seu genio e aptidão, foram os meninos, que, segundo a opinião authorisada e insuspeita de Ranczynski, elle modelava com um talento superior.

Se bem que n'esses trabalhos o artista imitasse os de identico genero de François Flamand, são de um incontestavel merito muitas d'essas creancinhas deita-

das ou recostadas, palpitantes de vida e de graça na deleitosa nudez das suas fórmas roliças e tenras.

«O menino dormindo», de que damos o desenho, é encantador. O pequerrucho, no innocente abandono da sua galante posição, entreabre, em uma respiração subtil e socegada, os pequeninos labios. A modelação é firme e delicada, denotando-se sobretudo na cabeça, no ventre e no dorso, uma conscienciosa e justa interpretação do natural. O conjuncto é de todo o ponto agradavel.

João José Braga deixou, além dos seus interessantes meninos, uma numerosa e apreciavel collecção de pequenos modelos de imagens, de que foi possuidor o finado substituto da cadeira de esculptura da nossa Academia, Francisco Pedro, e muitos dos quaes existem hoje em poder do director da mesma Academia, o snr. Manoel da Fonseca Pinto.

São tambem do mesmo esculptor, os medalhões em gesso que se vêem na capella do cemiterio do Prado do Repouso.

MANOEL M. RODRIGUES.

CECILIA

Quadro de Henrique Pouzão, desenho do Thomaz Costa

A scena passa-se na opulenta igreja do hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes, em Roma.

Uma rapariguinha do povo, poetisada na gentileza da sua figura insinuante pelo pittoresco *costume* da região calabreza, ajoelha sobre uma cadeira e desvia por um instante os olhos do seu livro de orações, para os fixar talvez na imagem a quem dirige, na intimidade da sua alma, a candida prece que lhe enleva o espirito devoto e crente.

E' este o assumpto simplissimo do quadro que reproduzimos, e que figura no actual *Salão* de Pariz, com o numero 2101.

A admissão d'este trabalho n'aquelle brilhante concurso de manifestações artisticas é uma prova honrosissima dos progressos que está fazendo nos seus estudos o snr. Henrique Pouzão, pensionario do Estado, agora residente em Roma.

MANOEL M. RODRIGUES.

O COFRE DE SÃO PANTALEÃO

Damião de Goes diz na *Chronica de El-Rei D. Manoel* que este monarcha mandara executar o monumento de S. Pantaleão, segundo o projecto que deixara D. João II. Segundo outras noticias que temos reunido sobre este assumpto, e que foram tiradas de varios escriptores antigos, impressos e ineditos, parece que D. João II já começára a obra, e que o seu successor apenas a acabára com pouca obra. Esta ultima opinião será a mais favoravel, porque, olhando para o desenho (completamente inedito, que hoje se publica pela primeira vez) vê-se que as armas de ambos os principes ornam a face principal. E' bem o pelicano de D. João II, alimentando os filhos com o proprio sangue, o formoso emblema do Principe perfeito; falta-lhe só aquella divisa não menos formosa que dizia, em portuguez antigo: *Pola ley e pola grey*, e segundo outros *justus ut palma florebit* (D. Caetano de Souza *Hist. geneal.*) E *pola grey* morreu em 1495, no Algarve, envenenado, segundo diz Damião de Goes, que não sabia encobrir miserias nem infamias, quando lhe punham na mão a penna de historiador.

O Cofre não figura na Esposição de arte ornamental. Roubaram-n'o da cathedral do Porto, para onde foi doado, durante os ultimos periodos da guerra civil. Escapou aos francezes, mas não aos nacionaes. Um antiquario local, curioso e amador sincero das nossas cousas, um membro da familia *Gandra* do Porto, bom nome e bem soante na cidade do trabalho, um membro d'essa illustrada familia salvou a memoria da reliquia em um desenho fiel, executado á penna. Pessoas que se lembravam ainda do original, immediatamente o reconheceram. A reproducção do nosso consocio o snr. Torquato Pinheiro é feita com o escrupulo e a destreza que apreciamos ha muito nos seus trabalhos. A pequena planta, ao lado, é conjectural e foi ideada pelo autor d'esta noticia para ajudar a intelligencia de construcção da obra. Compunha-se o cofre de uma caixa quadrada, coberta com uma pyramide truncada cujas arestas eram bordadas de trifolios, substituindo a flôr de liz, que se encontra no mesmo logar nos cofres do seculo XIV. O trifolio não está bem caracterisado no desenho original; parece representar a folha de carvalho estylisada; em todo o caso é de folha de carvalho, claramente accentuada, a ornamentação da volta do arco no compartimento central. Na base vê-se a folha de acantho sufficientemente clara. As molduras dos cinco quadros ou compartimentos, em que se divide a face principal do cofre, parece que tinham tambem ornamentação vegetal, provavelmente o lavor de *troços d'arvore* (branches ecotées — Astwerk) tão usado na ourivesaria peninsular do fim do seculo XV; *troços d'arvore*, ou *paus de troços encadeados* são termos que apparecêm frequentes vezes nos documentos hespanhoes e portuguezes da epoca citada, e ainda no reinado de D. Manoel. E' o lavor que se acha tão carateristicamente representado na celebre portada da sacristia do mosteiro de Alcobaça.

As maçanetas que ornam as voltas do arco (abatido, lintel quasi horizontal) são cardos, um elemento muito caracteristico da flora ornamental do fim do sec. XV até cerca de 1520; é o cardo, aqui symbolo do martyrio, porque ainda tinha outras significações; o fundo, por detraz dos cardos (quadro 1-2; 4-5) seria esmaltado, com alguns toques de buril, talvez esmalte translucido, a especie que mais agradou na peninsula, além do esmalte incrustado, *champlevé*. Seria ainda ornada a buril e esmaltada a coberta do cofre.

As flôres eram muito provavelmente *bemmequeres*, ligados em cadeia por botões de esmalte, formando um tapete polychromico de delicado effeito. Dous anjos fundidos á parte, acabados a buril e esmaltados, estavam de guarda ás sagradas reliquias do Santo.

Esta mistura de flora tradicional da arte antiga, e da do Renascimento, e sobretudo o *grau de estylisação* de uma e outra, marcam ao cofre a epoca de 1490-1500; a tradição, as noticias manuscriptas e impressas confirmam esta classificação, como veremos.

Na Exposição ha um cofre pertencente á familia Palmella (Sala D), que faz lembrar o cofre do Porto,

pela sua structura, pela sua ornamentação, sobretudo pelo grau de estylisação dos seus elementos vegetaes.

E' o mesmo compromisso na escolha de elementos decorativos, aliás discordantes, marcando a mesma epoca citada, fins do sec. XV.

Os outros cofres da Exposição (e ha-os alli em grande numero) não teem senão uma relação mediata com o nosso exemplar, mas, ainda assim, passal-os-hemos em rapida revista, porque é preciso estudar não só o individuo, mas a familia a que elle pertence.

Depois remataremos, estabelecendo a ligação do cofre Palmella com o do Porto.

(Continúa.)

JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

CHRONICA

O snr. Souza Pinto, pensionario do governo portuguez, acaba de obter mais duas medalhas na Escola de Bellas Artes de Pariz, sendo uma no concurso de ornato e outra no do antigo (desenho).

O mesmo artista no concurso de dezenho pelo modelo vivo realisado em 13 de junho, obteve uma segunda medalha, o que equivale a uma primeira, visto a medalha de ouro, ser só adjudicada em pintura.

Além d'isso o valor d'essa segunda medalha é tal que corresponde a um curso de dezenho, não se exigindo mais esse estudo ao artista que a obtem.

Um facto ainda honroso para o nosso compatriota é que nos referidos concursos de dezenho, que são mensaes, costuma-se conceder de 1 a 4 medalhas, não tendo porém sido adjudicada nenhuma, havia 18 mezes.

N'uma escola frequentada por alumnos de todos os paizes, esta circumstancia é sobremodo notavel.

— Por occasião das exequias celebradas em Paris em honra do pintor Lehmann, os alumnos do atelier do snr. Cabanel fizeram uma manifestação que tinha por fim chasquear da ceremonia religiosa do enterro e depreciar a memoria do finado professor, sendo por esse motivo mandado fechar o referido atelier por ordem do conselho superior de bellas-artes.

Em uma sessão do conselho de ministros presidida pelo snr. Julio Ferry, decidiu-se que o atelier fosse reaberto.

Esta medida foi tomada em consequencia de uma representação collectiva dos alumnos do atelier, na qual estes exprimiam o seu vivo pezar pelas scenas que se haviam dado, affirmando além d'isso o seu profundo respeito pela memoria de Lehmann e accrescentando que não podiam ser solidarios da leviandade e da indisciplina de que alguns d'entre elles se tinham tornado culpados.

Não houve nenhuma expulsão, ficando desconhecidos os nomes dos manifestantes.

— A União Central das artes decorativas de Paris obteve do ministro das bellas-artes a concessão do Laranjal das Tulherias para alli organisar uma exposição das obras de Baudry. Esta exposição na qual se agruparão todos os ultimos trabalhos do pintor, tellas, dezenhos, cartões e particularmente as grandes pinturas decorativas encommendadas pelo duque de Aumale e pelo snr. Vanderbilt, de New-York, devia abrir-se no dia 1 do mez passado.

— Como é sabido, o primeiro premio do concurso aberto pelo governo italiano para a creação de um monumento á memoria de Victor Manoel foi adjudicado pelo jury e por unanimidade menos um voto, ao snr. Nénot, artista francez. O programma do concurso estipulava com effeito, e de um modo formal, que os artistas estrangeiros seriam admittidos ao concurso, qualquer que fosse a sua nacionalidade. Um certo numero de concorrentes, porém, preteridos pelo snr. Nénot não acceitaram a decisão do jury e dirigiram á camara dos deputados uma representação pedindo a annulação do julgamento. Este pedido foi tomado em consideração e será brevemente discutido.

— Tambem falleceu em Paris, na idade de 88 annos Narcisse Lecomte, um dos gravadores mais distinctos da França. Antigo discipulo da escola de bellas-artes, Lecomte é o author da gravura de *Dante e Beatriz*, segundo Ary Scheffer, que fez o precurso do mundo. Os amadores conhecem a maior parte das suas obras: a *Virgem*, de Raphael, gravada segundo o quadro de Madrid; a *Virgem do véo*, o *Menino Jesus cercado de flôres*, o *Retrato de Lamennais* e principalmente o de *Tintoreto*, a sua obra prima.

— Foi installada em Madrid uma magnifica collecção de pinturas exposta no palacio do conde de Fuente-Nueva de Arenzana. O numero de obras exhibidas eleva-se a mais de 400. O bello sexo está representado pelas infantas D. Paz e D. Eulalia, condessa de Flandes, filhas do duque de Medina-Sidonia, do conde de Valencia e do marquez de Benamejis, Concha Figueroa, Carlota Inzenga, Elena España, Maria Luiza de la Riva, Adela Ginés, Montesivos e outras.

Entre os pintores contam-se D. Filipe de Borbon, o conde de Solms, Hernandez, Peralta, Senet, Mas, Unceta, Tirado, Pereda, Guinea e um irmão de García Ramos, Domingo, Casado, Villegas, Gimenez, Jimenez Aranda, Pelayo, Mélida, Lengo, Muñoz Degrain, Domingo Muñoz, Vera, Villedas, Morera, Haes, Ramos Artal, Rodriguez Tejero, Plasencia, Espina, Beruete, Franco, Araujo, Morena Carbonero, Leon e Escosuro, Gonzalvo, Luna, Arredondo, Martin Rico, Jover, Florez, Caula, Monleon, Carbou, Ferriz, Checa, German Hernandez, Rincon, Seiquier, Alcázar-Tejedor, Nicolau Huguet, Cebrian, Hermenegildo Estéban, Fabrés, Perez Rubio, Ricardo Madrazo, Lizcano, Fenollera e alguns outros.

Os mortos illustres estarão representados por Fortuny, Rosales e Zamacois e a escola estrangeira por artistas como Clays, Haas, Van-ttier.

Chama a attenção um grande quadro de Villegas intitulado *Uns tanto e outros tão pouco*.

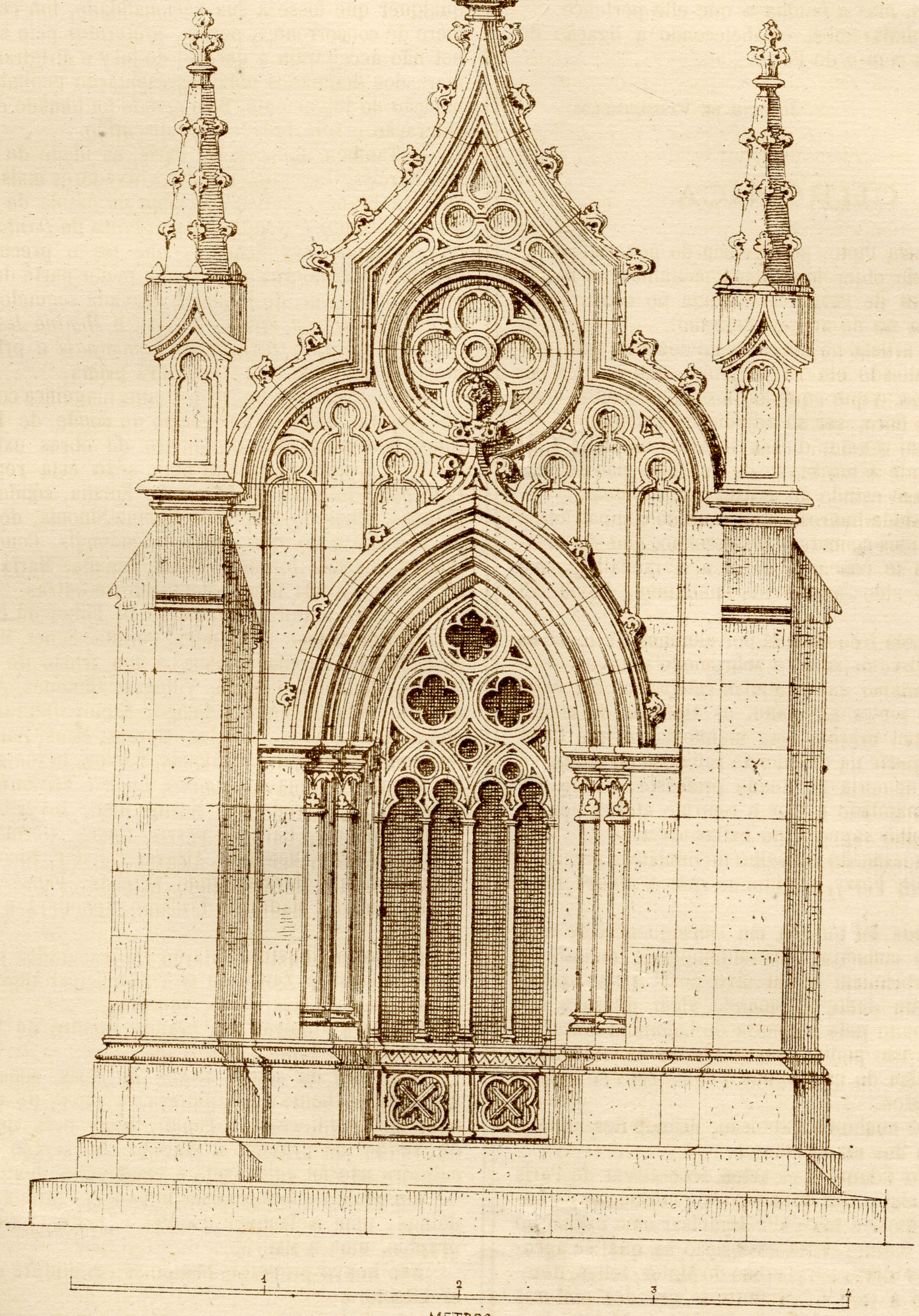
— O jury do actual *Salão*, de Paris, concedeu a medalha de honra: em pintura, a Puvis de Chavannes; em architectura a Paulin, *gran prix* de Roma de 1875; em gravura a Waltner. Na secção de esculptura não foi adjudicada a medalha de honra.

Em gravura foram concedidas duas primeiras medalhas: uma a Jacquet e outra a Boilvin; em lythographia, uma a Mauron.

Não houve primeiras medalhas em pintura nem em architectura.

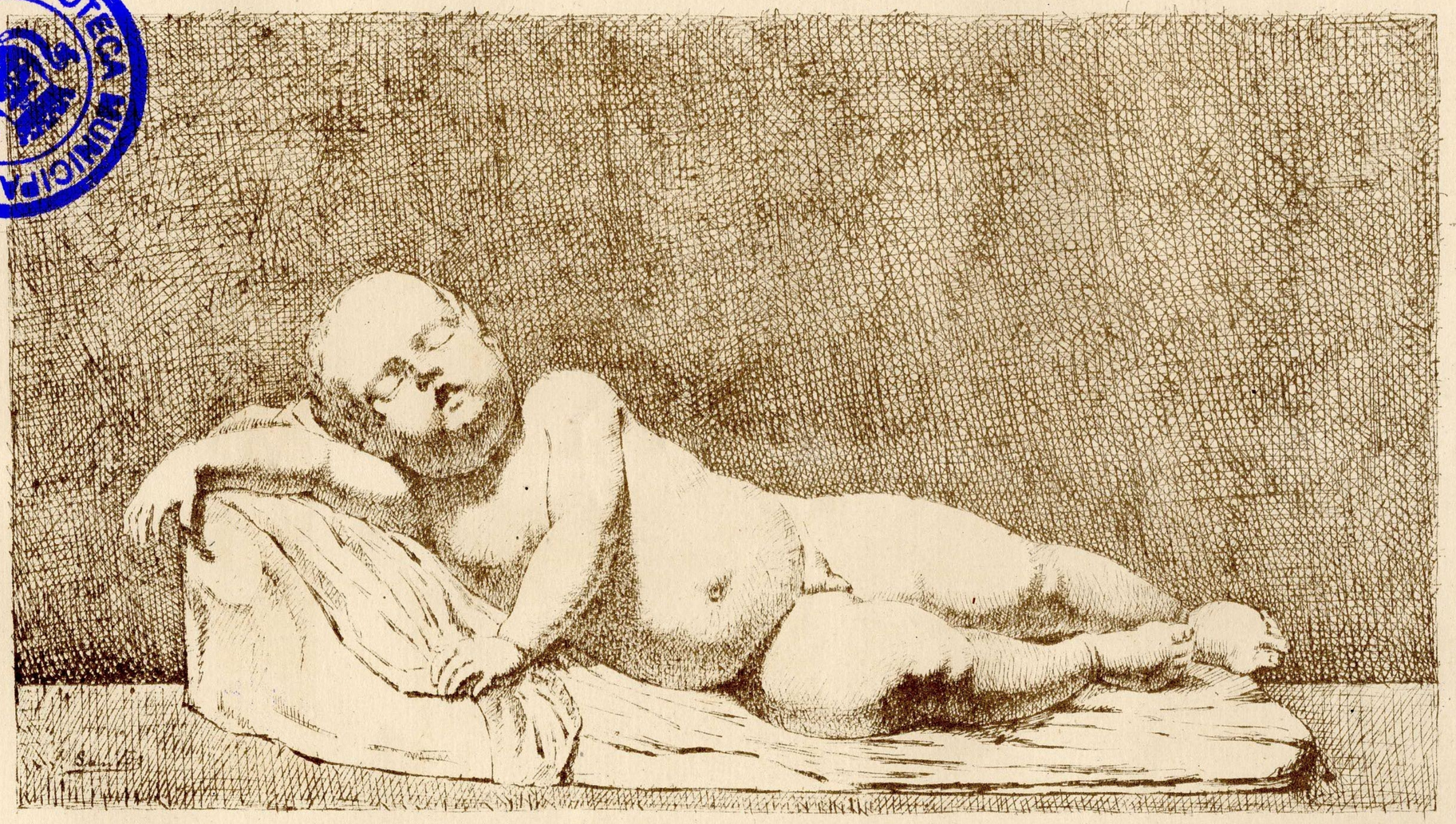
MANOEL M. RODRIGUES.

BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL



Jazigo de familia — Projecto e desenho de Thomaz Soller

BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL



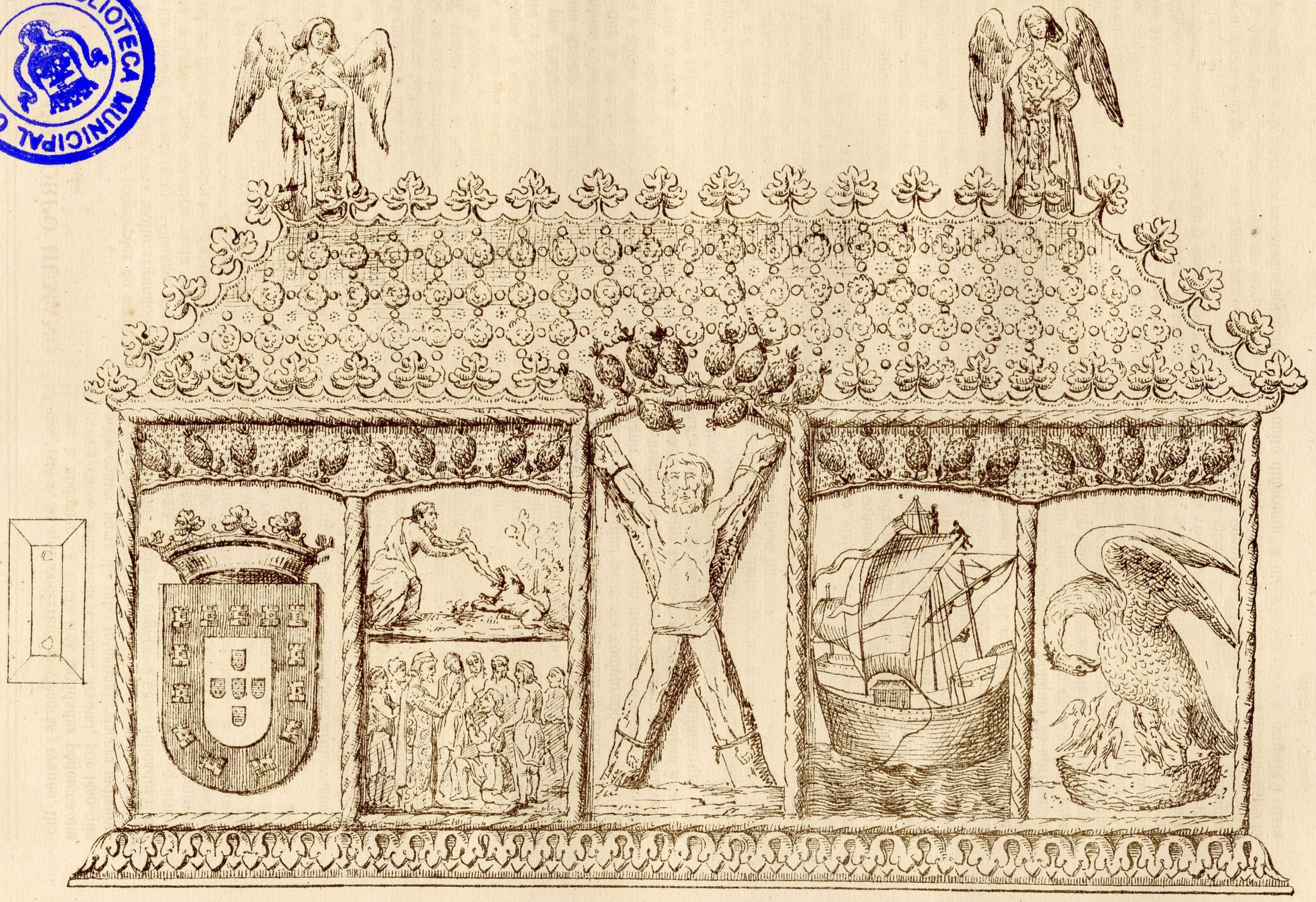
Esculptura em barro de João José Braga — Desenho de Aguiar Santos

BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL



Cecilia—Quadro de Henrique Pousão, exhibido no «Salon» de 1882 em Paris, desenho de Thomaz Costa

BIBLIOTECA MUNICIPAL CENTRAL



Cofre de S. Pantaleão, que pertenceu á Sé do Porto — Desenho de Torquato Pinheiro

A ARTE PORTUGUEZA

A *Arte Portugueza* publica-se mensalmente, formando cada numero um fasciculo de 12 paginas in-folio, sendo 4 de desenhos originaes.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Anno	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »

Para fóra do Porto não se tomam assignaturas senão pagas adiantadamente.

São nossos correspondentes: Em Lisboa o snr. A. de Sousa Pinto, rua dos Correeiros, 140.—Em Braga, Livraria Popular, rua de S. Marcos, 2:—Na Figueira, o snr. Manoel Pinto Duarte.
Assigna-se em todas as livrarias do Porto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da *Arte Portugueza*, Francisco Aguiar dos Santos, rua da Boa-Vista, 73—Porto.

PLUTARCHO PORTUGUEZ

COLLECÇÃO DE RETRATOS E BIOGRAPHIAS DOS PRINCIPAES VULTOS DA CIVILISAÇÃO PORTUGUEZA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

EM PORTUGAL —	Anno	2$400
	Numero avulso	300
NO BRAZIL —	Anno	7$200
	Numero avulso	900

Está publicado o 1.º anno.

Assigna-se no PORTO em todas as livrarias e em casa dos EDITORES, RUA DO ALMADA, ANTIGA CASA FRITZ, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

EXPEDIENTE

Rogamos aos snrs. assignantes da provincia o obsequio de mandarem satisfazer o 2.º trimestre, visto que o 1.º terminou com o n.º 3.

Aos mesmos snrs. que estão em debito, pedimos o favor de mandar pagar, por meio de estampilhas ou vales do correio, para regularidade da escripturação e para não soffrerem demora na entrega.

Os snrs. assignantes que deixarem de receber qualquer fasciculo, terão a bondade de reclamal-o do respectivo administrador.